

(RE) INVENTANDO O NORDESTE: A XILOGRAVURA COMO RECURSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CARLOS HENRIQUE BATISTA SANTOS SILVA

GEORGIA WILLIANE LOPES DA SILVA

ANNE KARINE DA SILVA DOS SANTOS

JEFFERSON EVANIO DA SILVA

1. INTRODUÇÃO

Essa proposta, inicialmente elaborada como parte integrante de uma série de trabalhos desenvolvidos numa disciplina pedagógica do curso de Licenciatura em História pretendeu formular uma intervenção no campo do ensino de história que dialogue com os artefatos culturais, especialmente, a xilogravura. O projeto pretende pensar alternativas para o ensino de história que também dialoguem com as abordagens das mídias digitais, possibilitando a criação de acervos artísticos com o objetivo de problematizar, junto aos estudantes do Ensino Médio, como o nordeste brasileiro é representado em obras de xilogravura, especialmente entre artistas do chamado “interior”, isto é, que aspectos da cultura nordestina seriam enfatizados ou abordados na pintura?

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2012), os campos artísticos podem ser problematizadas enquanto formações discursivas produtoras de sentido, ou seja, enquanto espaços de produção e circulação de certos enunciados que se repetem e passam a dar visibilidade e (inventar) o nordeste. Apartir da xilogravura de J. Borges, importante artista no campo da xilogravura da cidade de Bezerros – PE, iremos analisar algumas de suas telas como forma de instigar a curiosidade analítica das estudantes. A análise preliminar desses artefatos culturais tem por objetivo demonstrar como certos enunciados que construíram nossa compreensão do que é o nordeste também circulam no campo da arte.

Do ponto de vista propriamente pedagógico, as propostas curriculares têm negligenciado o tratamento da história regional/local, produzindo uma lacuna formativa importante na construção da consciência histórica dos educandos da Educação Básica. Esse projeto, portanto, visa “preencher” essa lacuna dialogando com as Tecnologias da Informação, da Comunicação e da Arte. O currículo, também é preciso acrescentar, é aquilo que define nossa identidade, é, tal como a arte, um discurso que nos posiciona no mundo e nos diz o que podemos ser, dizer, calar e fazer (LOPES;MACEDO, 2011). Nesta direção, nossa proposta consiste em articular a análise da representação xilográfica de J. Borges e, a partir dela, pensar estratégias de didatização deste gênero artístico na Educação Básica. Consideramos, pois, que tão importante quanto analisar a arte, é ensinar a criação de novas representações de mundo.

2. METODOLOGIA

A xilogravura é uma das práticas mais antigas empregadas pelo homem nordestino para demarcar sua passagem pelo mundo. A inscrição de imagens por meio da utilização da madeira, do papel, da prensa e das cores é um recurso empregado pelos artistas para representar a sua realidade social, histórica e cultural. Produção originalmente popular, trata-se de uma arte assinada por mãos calejadas, resultado das marcas que também deixam, nos corpos dos artistas, as enxada, foices e estrovangas. Grande parte desses artistas são oriundos do mundo rural, são trabalhadores/artesãos e artistas autodidatas que construíram um tipo específico de saber fundado em sua própria experiência de vida. Esses elementos parecem integrar parte da biografia de J. Borges, importante artista da cidade de Bezerros – PE, cuja obra atingiu públicos nacionais e internacionais sendo popularizada também por Ariano Suassuna.

Essa técnica consiste em esculpir na madeira e depois o desenho é passado para o papel, ou seja, as partes altas que receberão a tinta é que irão imprimir a imagem no papel. Na xilogravura, encontramos vários dos enunciados que ajudaram a construir a imagem que temos do nordeste. Como podemos ver nas artes a seguir:

Figura 3 – O morro dos Milagres



Fonte: https://www.instagram.com/p/CQ_MlB6D7q1/?utm_medium=copy_link

Imagem 4 - Forró sertanejo



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CUI7tL5JA9w/>

Nas palavras de Borges que acompanham a primeira obra: *“Milagres acontecem todos os dias, na vida de quem crê!”*. O nordestino seria um povo de fé que olha para o céu azul com a esperança de que a chuva molhe os cortes que seca imprime ao solo. A representação xilográfica do artista parece reificar uma representação que percorre várias formações discursivas, tal como ressaltado por Júnior (2012), isto é, a personalidade profundamente mística e religiosa do nordestino, a força do messianismo e a relação simbólica estabelecida entre o homem e a natureza. Sentimento de ligação profundo que J. Borges parece estender também para as mulheres representadas como sujeitos dessa religiosidade nordestina. Na segunda xilogravura, o artista retrata como a música (forró) une as pessoas, isto é, como ela funciona como elemento estético em torno do qual se constroem certos laços sociais entre os indivíduos. Fé e música, periginação e dança. De um lado, as secas e o sofrimento, do outro, pássaros e sanfonas a anunciar a chegada da boa nova.

Como didatizar a própria xilogravura permitindo que as estudantes da Educação Básica fabriquem novas imagens sobre o espaço? Como se percebe, a técnica envolvida na produção da arte xilográfica implica o domínio de certo saber procedimental que, na escola, pode encontrar alguns desafios importantes. Neste sentido, decidimos pensar as possibilidades de utilização do *paint* e o resultado se mostrou satisfatório, no sentido de que o uso desta ferramenta demonstrou a possibilidade não só da “reprodução” de uma arte de referência, mas a criação de novos artefatos culturais. A técnica a ser experimentada por professores e alunos é razoavelmente simples. Usa-se o aplicativo *paint*, no computador, ou no celular, abre-se o aplicativo e utiliza-se as formas geométricas a

partir das quais começamos a montar as figuras como se fosse um “quebra cabeça” até se encaixarem no “modelo” que você quer (criar). Depois de montadas, faz-se a pintura de acordo com o desejo do autor.

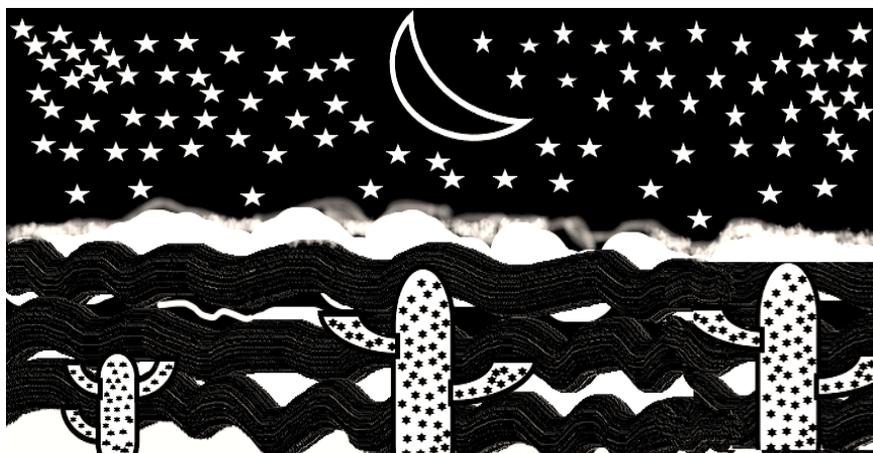
Nesse processo, o resultado seria o equivalente ao decalque que a madeira deixaria no papel. De maneira geral, o resultado da atividade desempenhada foi positivo. Para evidenciar este experimento em torno do objeto de investigação desse estudo, foram produzidas imagens do processo criativo.

Figura 1



Fonte: Elaborado pelos autores

Figura 2



Fonte: Elaborado pelos autores

3. RESULTADOS OU CONCLUSÕES

A xilografia é um gênero artístico importante para problematizarmos a circulação de certos enunciados que inventaram o nordeste. Nesta proposta, é também lida como uma técnica capaz de articular a curiosidade artística das estudantes aos recursos digitais. Podendo ser utilizada por crianças e jovens, desde que a escola disponha das condições materiais necessárias para tal efeito. Não podemos negar a existência das desigualdades digitais, especialmente na rede pública, que foram violentamente reveladas no contexto da educação remota. E, não obstante, encaramos esta proposta como a possibilidade de fazer da arte também o lugar de uma denúncia. É que o nordeste não é feito apenas de cactos, secas, fé e forró. Existem outras questões que fazem parte do imaginário das jovens nordestinas e acreditamos que a educação deverá criar as condições para que os próprios sujeitos falem. Eles podem ser os artistas de um novo nordeste e nos ensinar a pensar outros mundos.

Palavras-chave: Educação, Arte, Xilogravura

REFERÊNCIAS

BORJES, José. **O morro dos Milagres**. Disponível em https://www.instagram.com/p/CQ_MlB6D7q1/?utm_medium=copy_link. Acesso em 22 de setembro de 2021.

_____, **Forró sertanejo**. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CUI7tL5JA9w/> Acesso em 22 de setembro de 2021.

JÚNIOR, Durval Munis de Albuquerque. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2012.

LOPES, Alice Cassimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.